THE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/oslusiadas00came

LUIZ DE CAMÕES

364.13
D25G

BIBLIOTHECA NACIONAL

OS BONS LIVROS

LUIZ DE CAMÕES

OS LUSIADAS

Edição Revista e Prefaciada

POR

THEOPHILO BRAGA

e illustrada com os retratos de

LUIZ DE CAMÕES E VASCO DA GAMA

LISBOA

Pereira & Amorim, editores

Escriptorio da Empreza, rua dos Fanqueiros, 312, 1.º

1881

THE LIBRARY
BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
PROVO, UTAH

LUIZ DE CAMÕES

A vida de Camões não é uma simples indicação de dados biographicos; ella está ligada a todos os accidentes historicos da nacionalidade portugueza. Nasceu no mesmo anno em que morria Vasco da Gama, em 1524, como se os grandes feitos realisados precisassem de ser completados pela eternidade da gloria. Foram seus paes Simão Vaz de Camões, segundo neto do trovador galleziano Vasco Pires de Camões, e D. Anna de Sá e Macedo, da familia dos Gamas do Algarve. Na vida do poeta sentem-se estas duas influencias ethnicas: no caracter passivo e ao mesmo tempo inquieto, como se nota no subjectivismo dos seus cantos lyricos, e nas tempestades constantes da sua vida que o tornam tambem personagem da sua epopêa.

Nascido no primeiro quartel do seculo XVI, na fecunda epoca da Renascença, Camões acompanha essa actividade dos espiritos como humanista conhecedor das litteraturas da antiguidade, das sciencias que se restabeleciam, e da jurisprudencia que se vigorisava pelo regimen parlamentar. A educação de Camões fez-se em Coimbra, parte no mosteiro de Santa Cruz, para onde convergiam todos os filhos da aristocracia portugueza, e na Universidade

de Coimbra depois da reforma de 1537. A epoca da sua formatura fixa-se até 1542, data eloquente que nos mostra como escapou á esterilisadora acção dos jesuitas em Portugal, onde em 1555 se apoderaram do ensino publico, offuscando a fecundidade creadora dos Quinhentistas, matando nas consciencias das novas gerações o sentimento nacional, a ponto de se achar totalmente extincto em 1580, quando a nação recebeu o invasor Philippe II com arcos triumphaes.

Depois de 1542, Camões veiu frequentar a côrte de D. João III, na qual o beaterio extinguira o esplendor dos serões do paço, em que a aristocracia portugueza revelara uma extraordinaria cultura; apenas em volta da Infanta D. Maria se formara, a titulo de distrahil-a, uma pequena côrte de senhoras, como as Sigêas, Angela Vaz, Paula Vicente, D. Leonor de Noronha, D. Francisca de Portugal. Foi n'este cenaculo que Camões teve os seus triumphos, tomando amores com D. Catherina de Athayde, filha do camareiro-mór do infante D. Duarte, D. Antonio de Lima. O odio do poeta aulico Caminha, provocou em volta de Camões intrigas de que o beaterio da rainha se valeu, dando em resultado ser Camões desterrado da côrte, e andar errante pelo Ribatejo até se resolver a ir militar em Africa nas guarnições de Ceuta, depois de 1546. Em uma embuscada dos arabes perdeu o olho direito.

Em Africa começou a ver a decadencia do dominio portuguez, e ali sentiu a necessidade de eternisalo; quiz lançar-se em maiores empre

zas, indo batalhar no oriente, inscrevendo-se para acompanhar em 1550 o novo viso-rei D. Affonso de Noronha. Por circumstancias extraordinarias não seguiu na armada, mas já em Lisboa não pode esquivar-se á fatalidade dos acontecimentos; tendo em 1552 ferido o moço dos arreios de D. João III, Gonçalo Borges, foi preso no tronco da cidade até 7 de Março de 1553, d'onde saiu a custo, para embarcar para a India como «homem de guerra» em 24 de Maio d'esse anno na náo Sam Bento. Foi durante a solidão do carcere que teve conhecimento da primeira Decada de Barros, que evidentemente lhe prestou os primeiros elementos historicos dos Lusiadas.

A viagem da India foi tempestuosissima, chegando de toda a armada apenas a náo Sam Bento a Goa; entrou logo em campanha contra o Chembé, occupando-se em 1554 no doentio cruzeiro no estreito do mar roxo, coincidindo o seu regresso a Goa com as festas da investidura do governo de Francisco Barreto, para as quaes escreveu directamente o seu Auto do Filodemo, satyrisando depois a sociedade que Barreto pretendia reformar, com a sua composição dos Disparates da India. Barreto, querendo organisar a administração da feitoria de Macáo, nomeou o poeta Provedor-mór dos Defuntos e Ausentes d'essa apartada colonia, cargo que reclamava uma coragem decidida e ao mesmo tempo certa cultura juridica. Camões partiu para Macáo em 1556, d'onde regressou ao fim de dois annos debaixo de prisão, «mexericado de amigos,» como elle o declarara a Manoel Corrêa. Du-

rante os dois annos de Macáo occupou-se a escrever o poema dos Luziadas na gruta que hoje é um monumento, trazendo comsigo seis cantos, que salvou no naufragio soffrido nas costas de Cambodja. Um mais terrivel golpe o esperava em Goa, onde recebeu a noticia da morte de D. Catherina de Athayde, «muito moça no paço»; esteve em prisão até que o mandou soltar o viso-rei D. Constantino de Bragança, passando em Goa o inverno de 1559. O conde de Redondo em 1561 empregou-o no seu despacho, usando por este tempo o poeta a sua influencia em favor do venerando e sabio Garcia d'Orta; o viso-rei D. Antonio de Noronha nomeou-o capitão na sobrevivencia da Feitoria de Chaul, de que não chegou a tomar posse. De 1564 a 1567 é totalmente ignorada a sua vida, suppondo-se plausivelmente que n'este periodo viajara no archipelago das Molucas. O seu poema estava prompto, e um só desejo o affligia, regressar a Portugal, á ditosa patria sua amada. Acompanhou, n'este intuito, Pedro Barreto para Moçambique, onde foi encontrado em 1569 por Diogo do Couto «tão pobre, que comia de amigos»; Couto e outros amigos se cotisaram entre si para trazerem para Portugal na náo Santa Clara «este principe dos Poetas do seu tempo», como os proprios comtemporaneos lhe chamavam. A chegada a Lisboa foi a 7 de abril de 1570; Lisboa tinha sido devastada pela «peste grande» de 1569, mas o poeta ainda logrou encontrar sua mãe viva «muito velha e muito pobre», como diz um documento official; em 23 de septembro de 1571, obteve Ca

mões licença para a publicação dos «Luziadas» que só appareceram á luz por julho de 1572. Foi então que se lhe deu uma tença de quinze mil réis pela «habilidade e sufficiencia das cousas da India.»

O poema provocou contra Camões terriveis malevolencias da parte de outros poetas, como Caminha, Bernardes, Corte Real e Sá de Menezes. Na expedição de Africa de 1578, Bernardes foi preferido a Camões para cantor da empreza de Dom Sebastião. Depois da derrota de Alcacer, de 4 de Agosto, Camões viu o futuro da nacionalidade portugueza entregue á traição do Cardeal D. Henrique, e em volta do poeta agruparam-se os partidarios da independencia. Adoeceu então n'esse periodo conhecido na historia pelo nome do «tempo das alterações», morrendo em 10 de junho de 1580, ao saber que os exercitos de Philippe II estavam em Badajoz para virem sobre Portugal. «Ao menos morro com a patria,» escreveu Camões ao seu amigo D. Francisco de Almeida, que procurava resistir á invasão castelhana; foi sepultado obscuramente na egreja de Santa Anna, da pobre irmandade dos sapateiros.

O livro dos «Luziadas» tornou-se para os portuguezes o deposito dos germens da sua liberdade, e para Portugal ficou o eterno pregão da historia, o monumento imperecivel do seu passado. Tres gerações passaram, para que a intelligencia portugueza comprehendesse a synthese profunda contida no nome e na obra de Camões — tal é o sentido do jubileo nacional do Centenario de 1880.

THEOPHILO BRAGA.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As armas e os barões assignalados
Que da Occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino que tanto sublimaram;

II

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando—
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte!

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano
A quem Neptuno, e Marte obdeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta—
Que outro valor mais alto se alevanta!

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande;

VII

Vós, tenro e novo ramo florescente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesaréa, ou Christianissima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As, que elle para si na Cruz tomou);

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio;

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que n'esse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço,
Hum Egas, e hum D. Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço;
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço;
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama;

XIII

Pois se, a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria,
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria,
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque o terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do reino vosso:
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado;
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vêm da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas,
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas;
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que são vistos de vós no mar irado;
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as velas concavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas;

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado:
Alto poder, que só c'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado.
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano;
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano;
Com uma coroa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

XXXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam;
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Jupiter, alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo:

XXIV

«Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi (bem o vistes) concedido
C'hum poder tão singelo, e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antigua,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se afamaram;
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vedes bem, que comettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve;
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
N'esta costa Africana, como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha os Fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha,
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra ainda a memoria.

Vê, que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso;
Teme agora, que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando, imagina
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que hum, pela infamia que arrecea,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas, na espessura
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado;

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro,
E dando uma pancada penetrante
Co'o o conto do bastão no solio puro,
O ceu tremeu, e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: «Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres, que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece, que é suspeito:

XXXIX

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra, que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Ceo deseja.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.»

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada um dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
C'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontorio Prasso já passavam;
Na costa de Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella;
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais, que olhar a causa della;
Que gente será esta? em si diziam;
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente;
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas, e terçados,
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XVLIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
A's gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem.
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem;
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia:
As mesas manda pôr em continente;
Do licor, que Lyeo prantado havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
«Os Portuguezes somos; do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos ceos, e terras temos visto;
D'hum Rei potente somos tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no largo entraremos de Acheronte;

LII

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega;
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feios phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra é esta, que habitais
Ou se tendes da India alguns sinais?»

LIII

«Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios, são aquelles, que criou
A natura sem lei, e sem razão;
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça, e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a;
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente;
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.»

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia;
Do Capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmã, que alumiasse
O largo mundo, emquanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

LX

Partia, alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que, os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada,
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia?

LXIII

E mais lhe diz tambem que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê;
E, porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
«Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa;
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e invisibil,
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Todo o que sente, e todo o insensibil,
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil,
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia,
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel o que na alma andar devia,
Se armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás; porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode: e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que Mouro aqui notou
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento;
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas com risonho, e ledo fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe que o largo premio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso, e tão dannado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou!
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles, de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto emfim co'a companhia
Das náos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto lédo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e, recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano
Com que seja de todo destruido;
E em quanto isto só na alma imaginava
Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV

«Está do fado já determinado
Que tamanhas victorias, tão famosas
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas,
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo submetesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas ha-se de soffrer, que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.»

LXXVII

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo;
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe, a tempo e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas, que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

«E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos,
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, e ardil que te contente;
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.»

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á não lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co'elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, donde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido;
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido, em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario;
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê do seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira, alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

Qual no corro sanguineo o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro, corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia;
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza,
Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compral-a mais barata;
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando,
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o páo, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
A terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente;
Arrombam as miudas bombardadas
Os papagaios subtis da bruta gente.
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra, e rica presa
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Moura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa,
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes que tratava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi, delle alegremente agasalhado,
E, respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia.
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda e costas, que passava.

XCVII

Mas o Mouro, instruido nos enganos
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara;
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe máis, co'o falso pensamento
Com que Synon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo falso Mouro determina
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique está ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente d'ella tanto amada,
E com ventos contrarios a desvia,
D'onde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua comettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz que, pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem n'estas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava;
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra e surge fóra.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Huma cidade n'ella situada,
Que na fronte do mar apparecia,
De nobres edificios fabricada
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antigua idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro que tomara.

CV

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
O' grandes, e gravissimos perigos!
O' caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

CANTO SEGUNDO

I

Já n'este tempo o lucido planeta
Que as horas vai do dia distinguindo
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo,
E da casa maritima secreta
Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
«Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra tu com toda armada,
E, porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
D'aqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo»

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde
Não entra para dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe, despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia.
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Christo cria.
D'esta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos d'esta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda
Das náos se despedia e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mãis, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruido,
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso, que adorava.

XI

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Fenix virgem pura.
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram,
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros, conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos e os sentidos
N'aquelle Deos que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Tyoneu; e assi por derradeiro
O falso Deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo e n'hum momento
Appareceo no rubido horisonte
Da moça de Titão a roxa fronte;

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E, sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro do salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram
Sacras aras e sacerdote sancto;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no Rio os navios ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem;
E n'esta traição determinavam
Que os de Lúso de todo destruissem,
E que incautos pagassem, d'este geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenazes vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Ceo ao Mar como huma seta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado Mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia;
E, propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Já na agua erguendo vão, com grande pressa,
Com argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise; Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa;
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se e rodeam n'esse instante
As náos ligeiras, que hiam por diante.

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali, fechando
O caminho da barra, estão de geito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Pàra detraz a forte náo forçando;
Outras, em derredor, levando-a estavam
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado,
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
Apezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo e a outro atravessando
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo Marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a razão de furia tanta;
Não sabem n'esta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua e a nado se acolhiam.
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, no tempo antigub Lycia gente
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
D'aqui e dali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E, acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Só as cabeças na agua lhe apparecem:

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas, por não darem no penedo immoto
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a capitaina;
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

XXIX

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a não passar avante não podia,
Havendo-o por milagre assi dizia:

XXX

O' caso grande, estranho, e não cuidado!
O' milagre clarissimo e evidente!
O' descoberto engano inopinado!
O' perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia
D'estes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança;
Mas, pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
O' tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E, se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina,
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscâmos,
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione, e, commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as Estrellas luminosas,
Já na terceira Esphera recebida
Avante passa; e, lá no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E, como hia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava
Que as Estrellas e o ceo e o Ar visinho,
E tudo quanto a via namorava;
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados acendia
E tornava do Fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idêa já se apresentara.
Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas acendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'hum delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro,
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte.

XXXVIII

E, mostrando no angelico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
D'esta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla:

XXXIX

«Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pezasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina:
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo
Sendo tu tanto contra meu desejo.
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo,
Ora, pois porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui. . . » E n'isto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa;
Calada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa;
Torna a seguil-a, e indo por diante
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante;

XLII

E d'estas brandas mostras commovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do Ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta;
Los fados as entranhas revolvendo,
D'esta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

«Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos e a fonte de Timavo,
E se o piedoso Eneas navegou
De Scyla e de Charybdis o Mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, Cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados,
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII

Vereis este que agora, presuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando:
O' caso nunca visto e milagroso
Que trema e ferva o Mar, em calma estando!
O' gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente
Em que vão descançar da longa via
As náos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa, em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado, e sojugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo;
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Ali soberba, altiva e exaltada,
Ao Gentio, que os Idolos adora
Duro freio porá e toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que Cithara jámais cantou victoria
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto,
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto
Que dos povos de Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Scitico e robusto
A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egipcia linda e não pudica;

LIV

Como vereis, o mar fervendo acceso
D'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando;
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longicuo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.»

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha;
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cylenêo voava;
Com as azas nos pés á terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do Inferno e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado:
E d'esta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva; porque diga
Do Lusitano o preço grande, e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
D'esta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosissimo e preclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX

D'ali para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas,
Para que á gente mande que se aparte
Da barra iniga e terras suspeitosas;
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganosas;
Pouco val coração, astucia e siso,
se lá dos Céos não vem celeste aviso.

io caminho a noite tinha andado,
ıs Estrellas no Ceo co'a luz alheia
ham o largo Mundo alumiado,
ó co'o somno a gente se recrea.
Capitão illustre, já cansado
vigiar a noite que arreceia,
ve repouso então aos olhos dava;
utra gente a quartos vigiava;

LXI

ando Mercurio em sonhos lhe aparece
endo: «Fuge, fuge, Lusitano,
cilada que o Rei malvado tece,
te trazer ao fim e extremo dano;
ge, que o Vento e o Ceo te favorece;
eno o tempo tens e o Oceano
utro Rei mais amigo n'outra parte
de podes seguro agasalhar-te.

LXII

o tens aqui senão aparelhado
ıospicio que o cru Diomedes dava,
zendo ser manjar acostumado
cavallos a gente que hospedava;
aras de Busiris infamado,
de os hospedes tristes imolava,
rás certas aqui, se muito esperas;
ge das gentes perfidas e feras.

LXIII

i-te ao longo da costa discorrendo,
outra terra acharás de mais verdade,
, quasi junto d'onde o Sol ardendo
ıala o dia e noite em quantidade.
, tua frota alegre recebendo,
m rei, com muitas obras de amisade,
salhado seguro te daria
para a India certa e sabia guia.»

LXIV

Isto Mercurio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo;
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo sprito ao Mestre seu mandava
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento
Que o Ceo nos favorece e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se n'isto o movimento
Dos marinheiros de huma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima;
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI

N'este tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos;
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos.
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

inha huma volta dado o Sol ardente
n'outra começava, quando viram
o longe dous navios brandamente
o'os ventos navegando que respiram;
orque haviam de ser da Maura gente,
ara elles arribando, as velas viram;
lum de temor do mal que arreceava,
or se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

ão é o outro que fica tão manhoso,
las nas mãos vai cair do Lusitano,
em rigor de Marte furioso,
sem a furia horrenda de Vulcano;
ue, como fosse debil e medroso
a pouca gente o fraco peito humano,
ão teve resistencia, e se a tivera
lais damno resistindo recebera.

LXX

, como o Gama muito desejasse
iloto para a India, que buscava,
uidou que entre estes Mouros o tomasse,
las não lhe succedeo como cuidava;
ue nenhum d'elles ha que lhe ensinasse
que parte dos Ceos a India estava;
orém dizem-lhe todos que tem perto
elinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

ouvam do Rei os Mouros a bondade,
ondição liberal, sincero peito,
agnificencia grande e humanidade,
om partes de grandissimo respeito.
Capitão o assela por verdade,
orque já lhe dissera d'este geito
Cylenêo em sonhos, e partia
ara onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea,
Quando hum e o outro corno lhe aquentava
E Flora derramava o de Amalthea;
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito;

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda de arte
Que bem mostra estimar o Sancto dia;
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada;
Mandam fóra hum dos Mouros que tomaram
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza
Quanto a gente fortissima merece;
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissem
Para que de seus reinos se servissem.

offerecimentos verdadeiros
alavras sinceras, não dobradas,
que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
tanto mar e terras tem passadas.
da-lhe mais lanigeros carneiros
alinhas domesticas, cevadas,
n as fructas, que então na terra havia;
vontade á dadiva excedia.

LXXVII

ebe o Capitão alegremente
ensageiro ledo e seu recado;
ogo manda ao Rei outro presente,
de longe trazia aparelhado:
arlata purpurea, cor ardente,
amoso coral, fino e prezado,
debaixo das aguas mole cresce,
como é fóra d'ellas, se endurece.

LXXVIII

da mais hum na pratica elegante,
co'o Rei nobre as pazes concertasse,
ue de não sair n'aquelle instante
suas náos em terra o desculpasse.
tido assi o embaixador prestante,
o na terra ao Rei se apresentasse,
estillo que Palas lhe ensinava,
as palavras taes fallando orava:

LXXIX

blime Rei, a quem no Olympo puro
da suma Justiça concedido
ear o soberbo povo duro,
menos d'elle amado que temido,
o porto mui forte e mui seguro
odo o Oriente conhecido,
imos a buscar, para que achemos
i o remedio certo que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança fea,
Que não vedem os portos tam somente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente?
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Itaco em Alcino;
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do interprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não saisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

porque é de vassalos o exercicio,
ıe os membros tem regidos da cabeça,
ıo quererás, pois tens de Rei o officio,
ıe ninguem a seu Rei desobedeça;
ıs as mercês e o grande beneficio
ıe ora acha em ti, promete que conheça
n tudo aquillo que elle e os seus poderem
ı quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

si dizia; e todos juntamente
ıns com outros em pratica fallando,
uvavam muito o estomago da gente
e tantos Ceos e mares vai passando;
o Rei illustre, o peito obediente
s Portuguezes na alma imaginando,
ıha por valor grande e mui subido
do Rei que é tão longe obedecido.

LXXXVI

com risonha vista e ledo aspeito,
sponde ao Embaixador, que tanto estima:
oda a suspeita má tirai do peito;
nhum frio temor em vós se imprima;
e vosso preço e obras são de geito
ra vos ter o mundo em muita estima;
quem vos fez molesto tratamento
o pode ter subido pensamento.

LXXXVII

não sair em terra toda a gente,
observar a usada preeminencia,
ıda que me peze estranhamente,
muito tenho a muita obediencia;
se lh'o o regimento não consente,
n eu consentirei que a excellencia
peitos tão leaes em si desfaça,
porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias;
E, se vier do mar desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.»

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona: e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em giros no ar a roda ard nte;
Estoura o pó sulphureo escondido;
A grita se alevanta ao ceo da gente;
O Mar se via em fogos acendido
E não menos a terra; e assi festeja
Hum ou outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o Ceo inquieto, revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãi de Menon, a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV

Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça uma fóta guarnecida
De ouro e de seda e de algodão tecida

XCV

Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tiria cor, entre elles estimada;
Hum colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é superada;
C'hum resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI

Com hum redondo emparo alto de seda,
N'huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia
A receber no mar o Melindano
Com lustrosa, e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o murice excellente
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente;
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

onorosas trombetas incitavam
s animos alegres resoando;
os Mouros os bateis o mar coalhavam,
s toldos pelas aguas arrojando.
s bombardas horrisonas bramavam,
om as nuvens de fumo o Sol tomando,
meudam-se os brados acendidos,
apam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

á no batel entrou do Capitão
Rei, que nos seus braços o levava;
lle co'a cortezia que a razão
Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
'humas mostras de espanto, e admiração,
Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
omo quem em muito grande estima tinha
ente, que de tão longe á India vinha.

CII

com grandes palavras lhe offerece
udo o que de seus reinos lhe comprisse;
que, se mantimento lhe fallece,
omo se proprio fosse, lh'o pedisse;
iz-lhe mais, que por fama bem conhece
gente Lusitana, sem que a visse;
ue já ouvio dizer, que n'outra terra
om gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

, como por toda Africa se soa,
he diz, os grandes feitos, que fizeram,
uando nella ganharam a coroa
o reino, onde as Hesperidas viveram.
com muitas palavras apregoa
menos, que os de Luso mereceram,
o mais, que pela fama o Rei sabia;
as desta sorte o Gama respondia:

CIV

«Oh! tu, que so tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que, com tanta miseria e adversidade,
Dos mares experimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos, bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria.»

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as náos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas, para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia e fama.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
C'o povo havidas que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

«Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo,
Que, sem sabel-as, sei que são de preço.

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta, que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem:
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares,
Que quem ha que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro;
Tentou Piritho e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho illustre e duro,
Quando foi commetter inferno e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana
Do sutil Tesiphonio fabricado,
Herostrato por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tão dignas de memoria.»

CANTO TERCEIRO

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana;
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando despois de um pouco estar cuidando
Alevantando o rosto, assi dizia:
«Mandas-me, oh Rei, que conte declarando
De minha gente a grão geanalosia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo e serei breve.

V

Além disso, o que a tudo emfim me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas, porque n'isto a ordem leve e siga
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Sptentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecea,
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII

Da parte d'onde o dia vem nascendo
Com Asia se avisinha; mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scytas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os que tinham então a Egypcia terra.
Mas quem tão fóra estava da verdade
(Já que o juizo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informara
Ao campo Damasceno o perguntara.

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega,
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega;
Aqui, emquanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo e na montanha
Hircina os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces, de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Do Othomano está, que somettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria,
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no seio
Onde Antenor já muros levantou
A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou:
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada!

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte,
Pelo meio o divide o Apennino
Que tão illustre fez o patrio Marte;
Mas, despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano é regada,
E do Garuna frio e Rheno fundo;
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

XVII

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda;
Em cujo senhorio e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor
Que qualquer dellas cuida que é melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor d'ella,
Betis, Leão, Granada com Castella.

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros
E n'ella então os incolas primeiros.

XXII

D'esta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte
Creando-a reino illustre, e foi d'esta arte:

XXIII

Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei da Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado;
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano que casado
Com Tereza sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sujugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram
Para seus senhorios se tornaram ;

XXVIII

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O sp'rito deu a quem lh'o tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãi, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lh'as dera.

XXX

Mas o principe Affonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome;
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas n'ella o sensual era maior.

Oh Progne crua! oh magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Dà maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Tereza pecca mais.
Incontinencia má, cubiça fea,
São as causas d'este erro principais:
Scylla por uma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqa mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava,
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava,
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Tereza,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou peza.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defeza,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o inimigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava
Que o Principe, a seu mando sumettido,
Lhe desse a obediencia que esperava;
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança:
«Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês: aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte;
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Scinis e do touro de Perillo.»

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido;
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara
Que vinte Babylonias que tomara.

LXII

Mas já o Principe Affonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno;

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o ceo regia,
Que tão pouco era o povo bautizado
Que para hum só cem mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a famosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E ás que Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena e fria
As estrellas do pollo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle, adorando quem lhe apparecia,
Na fé todo inflammado, assi gritava:
«Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim, que creio o que podeis!»

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam;
E, diante do exercito potente
Dos imigos gritando, o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real, Real,
Por Affonso alto Rei de Portugal!»

XLVII

Qual, co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (assoprando
O sibilante Boreas), animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato e foge para a aldea:

L

Desta arte o Mouro attonito e torvado
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Huns cahem meios mortos e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Ali se vêm encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E d'outras as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando;
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica.
Desbaratado e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Passado já algum tempo que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas somettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sojuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte em fim tomada, se rendeo
Aquella que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, oh terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estão rendidas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar
Por estender co'a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

Com estas sojugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra, e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente,
Sentio-o a villa e vio-o o senhor della
Que a soccorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

LXVI

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas, qual no mez de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII

Desta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o Rei Mouro e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que o homem não conhece,
Se até aqui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

LXXI

Oh famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Postoque o frio Phasis ou Syeno,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente
Temessem o teu nome geralmente;

LXXII

Postoque a rica Arabia o que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende, e os Cappadoces,
E Judea, que hum Deos adora e ama,
E que os molles Sophenes e os atroces
Silicios com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte;

LXXIII

E posto em fim que desde o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido,
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser despois rendido:
Assi o quiz o Concelho, alto, celeste,
Que vença o sogro a ti e o genro a este.

LXXIV

Tornado o rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;

LXXV

Porque levassem avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI

E com esta victoria cubiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago, como este, temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo, que deseja.
Assi, estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo;
O morador de Abyla não se escusa,
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana e rouca tuba,
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial;
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso;
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada de esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia,
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade,
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida;
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores, e graças sem medida;
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo muudo se alargaram
Com fama suas obras valerosas
Que sempre no seu reino chamarão
«Affonso, Affonso» os eccos, mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes do seu braço em si provaram;

LXXXVI

Despois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade, onde Christo padeceo;
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto Marte.
Assi comó a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

LXXXIX

E, se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Veio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro,
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora destruidos o pagaram.

XCI

Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse, onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha, como Phalaris, achado
Genero de tormentos inhumanos.
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece nem consente
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O mouro, mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina),
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla, claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valioso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccharo e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas, despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso ,mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas pórem, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a,

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartesios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII

«Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV

Por tanto, oh Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem soccorres.»

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está que a triste Venus, quando
A Jupiter, seu pai, favor pedia
Para Eneas, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra c'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaesados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E somente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado,
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos, fraco e pequeno
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé que a força humana:

CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico se rende.
Com ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes (bravo estrago!)
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,
Huns Mafamede e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com a grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito d'aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se hia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, oh nobre Tito,
Que assi dos vates foi prophetisado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e dino de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
E porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos Montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria,

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso;
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade;
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXVI

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

«Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a a mãi de Nino já mostraram
E co' os irmãos que Roma edificaram;

CXXVII

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar huma donzella,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E, se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro;
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Alli, co'o amor intrinseco e vontade
N'aquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.»

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

CIXXX

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha
Mas ella os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, oh Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, oh concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores!

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos humicidas.
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que, ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios;
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto;
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio.
Pois por quem David sancto se condemna?
Ou quem o tribu illustre destruio
De Benjamim? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste
Despois que huma moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO QUARTO

I

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos e offensas vá vingando,
Naquelles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre illustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Ceos divina
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou,
E, como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
«Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João!»

IV

Alteradas então do reino as gentes
Co'o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astyanaz, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes que Roma vio,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Luzitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões e varias terras.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado,
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Oh sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armaste
Áquelles cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha;
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas, só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei e a patria; e se convem,
Negarão, (como Pedro) o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares, mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

«Como? da gente illustre Portugueza
Hade haver quem refuse o Patrio Marte?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Hade sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

XVII

Com quem foram continuo sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho, sublimados,
Senão com os vossos fortes pais e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes;
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sobjugada;
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.»

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Na sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nella for perdida:

XXI

Desta arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando á boca aberta:
«Viva o famoso Rei, que nos liberta!»

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra, com que a patria se sustinha;
Huns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem, famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os e regel-os,
Mem Rodrigues, se diz, de, Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão,
Logo na retaguarda não se esconde
Das quina, e castellos o pendão
Com Joanne, Rei forte em toda a parte,
Que escureeendoo preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros, temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores,
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo que nas eiras
Ceres o fruclo deixa, aos lavradores,
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, feró, ingente e temeroso;
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas, de medroso;
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos ali se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo,
E, se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas as partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba e encontra e a terra emfim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra; os valles soam;
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão;
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta;
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes; caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Oh tu Sertorio, oh nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão;
Está alli Nuno, qnal pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correndo de Tetuão:
Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina, e ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão
Tudo corria e via e a todos dava
Com presença e palavras coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que em quanto pasto lhe buscara
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII

Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
«Oh fortes companheiros, oh subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui, Rei vosso e compauheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro.
Pelejai, verdadeiros Portuguezes.»
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

Por que eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo.
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo;
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava;
O Mestre morre alli de Sanct'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava;
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão e tambem dos nobres ao profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo;
E, porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas:
A multidão da gente que parece,
Tem as flores da propia cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já fallece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas, á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasphemando
O primeiro, que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem marido, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria;
Com offertas despois e romarias
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e desleal manha.

L

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse;
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois ainda neste reino e neste Rei
Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando,
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita;
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvidos por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso, do reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra iberia;
Mas Africa dirá ser impossibil
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Este poude colher as maçãas de ouro
Que sómente o Tyrinthio colher pode;
Do jugo, que lhe poz o bravo Mouro,
A cerviz inda agora não sacode;
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas, em fim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante:
Maravilhas em armas estremadas
E de escriptura dignas elegante
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII

Porém despois tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadiz ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obdeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
A mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não turvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento;

LIX

Porque o filho, sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram
Nos Philipicos campos se vingaram.

LX

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcaram
Onde já foi Parthenope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada;
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
E dalli ás ribeiras altas chegam
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou;
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem, tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria;
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia;
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Ceo
A Manuel e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manuel, que a Joanne succedeo
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara),
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado: no tempo que a luz clara
Foge e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem:

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longiquos e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam;
Mil arvores silvestres e hervas varias
O passo e o trato ás gentes atalhavam;
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não a romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas se lhe antolha, que sahiam
Par'elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabellos lhes sahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça, e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
«Oh tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Est'outro é o Indo, Rei, que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra,
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.»

LXXV

Não disse mais o rio illustre e sancto,
Mas ambos desparecem n'hum momento;
Acorda Manoel, c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro hemispherio somnolento:
Veio a manhãa no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
Que é hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: «As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve.»
Não soffri mais, mas logo: «Oh Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer em fim ás sombras vãas e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, oh Rei, o espirito e carne é pronta.»

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'um alvoroço nobre e c'hum desejo
(Onde o licor mistura e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão; e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De cores vem e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda;
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, oh Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade aquelle dia,
(Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente), concorria,
Saudosos na vista e descontentes;
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne, a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'hum choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam;
Mãis, esposas, irmãas (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo «Oh filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cançada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, misera e mesquinha?
Porque de mim te vás, oh filho charo,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?»

XCI

Qual em cabello: «Oh doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis, que com as velas leve o vento?»

XCII

Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade;
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV

«Oh gloria de mandar! Oh vãa cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios;
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Qur famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas, oh tu geração daquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te poz neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeste nome, esforço e valentia;
Já que pézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdel-a quem a dá:

C

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riquezas mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho;
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras (grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector, co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio,
Nenhum commetimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração:
Misera sorte, estranha condição!»

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: «Boa viagem»; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemaeo truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco a pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam;
Ficava o charo Tejo e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já, despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome que por fama;
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Guido, Paphos e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam,
A terra a nenhum fructo em fim disposta
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia;
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas,
Terras, por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas;
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago,
Santo que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente,
A mui grande Mandinga (por cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente),
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe.

XI

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãas que outro tempo alli viviam,
Que de vista total sendo privadas
Todas tres d'hum só olho se serviam:
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente area.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa.
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos;
O Grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
O nome d'hum que o lado a Deos tocou,

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto;
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della.
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrellas menos bella
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece ou mar acabe.

XV

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo e dous verões,
Em quanto córre d'hum ao outro polo,
Por calmas, por tormentas e oppressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apezar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a vóz de ferro.

XVII

Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos, sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia,
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre e cousa certo de alto espanto
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita; aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima delle huma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria(que, imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra, que sustenta.

XXII

Mas, despois, que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura!

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredo dellas,
As maravilhas que eu passei passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escripturas, que deixaram!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas! que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades;

XXIV

Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada,
Quando da etherea gavea hum marinheiro
Prompto co'a vista: «Terra, Terra» brada;
Salta no bordo alvoraçada a gente,
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam;
As velas já chegados amainamos;
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio
Invenção de subtil juizo e sabio,

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra, que outro povo não pizou;
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente:
Vi logo por signaes e por acenos
Que com isto se alegra grandemente;
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI

É Velloso no braço confiado,
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e, em quanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'alli ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
«Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É melhor de descer que de subir.»
«Si, é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.»

XXXVI

Contou então que, tanto que passaram
Aquelle monte os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli matal-o;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque, sahindo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porem já cinco Soes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada
Como se désse em vão n'algum rochedo.
«Oh Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?»

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se mostra no ar robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo.
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mim e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: «Oh gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho;

LXII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre ou de immortal merecimento,
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra,
Que inda has de sojugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náos esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas
Eu farei d'improviso tal castigo
Que seja mór o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
Da vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náos vereis cada anno,
Se é verdade o que meu juizo alcança,
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Qu e o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura
Por juizos incognitos de Deos.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama
Que amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer de fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos;
Os crystalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacavel espessura.
Alli despois, que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.»

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: «Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado!»
A bocca e os olhos negros retorcendo
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo, com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

L

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo
Plinio, e quantos passaram, fui notorio.
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende;
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que posesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Occeano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empresa:
Todas as Deosas desprezei do ceo
Só por amar das aguas a Princeza.
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia, e logo presa
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

Como fosse impossibil alcançal-a,
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto.
De medo a Deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'hum formoso riso honesto
Respondeo: «Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano?
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte,
De aspero mato e de espessura brava.
Estando c'hum penedo fronte a fronte
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII

Oh nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da magoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros, que vês e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam;
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas.»

LX

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e, c'hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Ja de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que tão mal nos receberam.
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas;
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A troco d'outras peças que levaram;
Mas, como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram
Que désse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
Á costa negra da Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antarctico ficava;
Aquelle ilheo deixámos onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo e, descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças.
Co'o mar hum tempo andamos em porfias,
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar (parece) tanto estava.
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente;
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo,
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada parte Oriental!

LXX

Ora imagina agora quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento
Que se quer da esperança fosse engano.
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina d'huma e d'outra náo:
Quando, indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi que, estando já da costa perto
Onde as praias e valles bem se viam,
N'hum rio que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavam;
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam;
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem que por náos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que, lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais.
Pelos signaes que n'este rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons Signaes,
Hum padrão nesta terra alevantámos
Que para assignalar lugares tais
Traziam alguns: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas,
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na boca que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava.
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros;
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como os nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi que deste porto nos partimos,
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando-algum signal de mais firmeza;
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saude a hum vivo e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste; e vês-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste,

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes que taes caminhos commettessem?
Crês tu que tanto Eneas e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina;
Ess'outro que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co'o canto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos,
Os Cicones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas;
Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fabulas vãas tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.»

XC

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis, em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade de animo e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços,
E El-Rei se vai do mar aos nobres paços.

Quão doce é o louvor e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalho que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle heroe que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas e a Romana gloria voe.

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões
Cesares, Alexandros e dá Augustos
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos e venustos;
Não dirá Fulvia certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vai Cesar sojugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna e n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandro a Homero, de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o não digo; que a razão
D'algum não ser por versos excellente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte não na estima.

XCVIII

Porisso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez e tão austeros
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo que deixassem
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dara todo o Lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tagides gentis e seu respeito;
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço e sua valia.

FIM DO BRIMEIRO VOLUME

INDICE

Luiz de Camões..... 5
Os *Lusiadas*. Canto I..... 11
Canto II..... 38
Canto III..... 67
Canto IV..... 103
Canto V..... 130

BIBIOTHECA NACIONAL

OS BONS LIVROS

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, A MAIS ECONOMICA DO PAIZ

Volumes, pelo menos, de 128 pag., elegantemente brochados com capas illustradas, contendo tanta materia como um vol. in-8.º de 300 paginas

A 50 RÉIS

EDITORES — PEREIRA & AMORIM

ESCRIPTORIO DA EMPRESA

312, 1.º, Rua dos Fanqueiros, Lisboa

A **Bibliotheca Nacional** publicará quinzenalmente um volume, pelo menos, de 128 paginas, em formato elegantissimo, nitidamente impresso, e contendo a materia de um volume de 300 paginas in-8º. O assumpto d'esses volumes será alternadamente — sciencias, artes, ensino profissional, legislação e litteratura. A lista das obras que a **Bibliotheca Nacional** vae publicar proximamente dará uma idéa clara do valor d'esta collecção.

Sciencias e Artes

Geometria, Arithmetica e systema metrico, Mecanica, Astronomia, Chronologia, Cosmographia, Historia geral, Historia de Portugal, Historia do Brazil, Nautica, Physica, Chimica, Botanica, Historia natural, Agricultura, Hygiene, Geographia geral, Chorographia portugueza, Chorographia brazileira, Grammatica, Orthographia, Desenho, Escripturação commercial.

☞ Os livros de sciencias e artes serão expressamente escriptos para a **Bibliotheca Nacional** por professores distinctissimos das respectivas especialidades.

Ensino profissional

Manual do typographo, Manual do impressor, Manual do ferreiro, do carpinteiro, do pedreiro, do telegraphista, do agricultor, do cosinheiro, do confeiteiro etc., etc.

Legislação

Carta Constitucional e Acto addicional, Codigo civi,

Codigo administrativo, Leis de Instrucção publica, Codigo Commercial, Legislação do Brazil, etc., etc.

Litteratura portugueza

Publicar-se-hão as obras mais notaveis dos classicos: **Camões**, Os Lusiadas, Rimas, Theatro.— **Gil Vicente**, Theatro. — **Bocage**, Obras Escolhidas. — **Tolentino, Obras completas.** — **Filinto Elysio**, Obras Escolhidas, etc. etc. — PROSADORES.— **Padre Antonio vieira**, Obras Escolhidas. — **Jacintho Freire de Andrade**, Vida de D. João de Castro; e as obras mais notaveis dos mestres da lingua portugueza: João de Barros, Damião de Goes, Francisco de Andrade, Diogo do Couto, Affonso de Albuquerque, Sá de Miranda, etc., etc.

☞ Os livros classicos serão sempre prefaciados e revistos por escriptores de reconhecida competencia.

Litteratura estrangeira

As obras primas de Ariosto, Beccaria, Bernardin de Saint-Pierre, Boileau, Bossuet, Brillat-Savarin, Byron, Cervantes, Champfort, Condorcet, Corneile, Paulo Luiz Courier, Cyrano de Bergerac, d'Alembert, Dante, Descartes, Diderot, Florian, Fénelon, Goethe, Goldsmith, Juvenal, La Bruyère, La Fontaine, Lamennais, Lesage, Machiavel, X. de Maistre, Molière, Montesquieu, Pascal, Rabelais, Racine, Rousseau, Schiller, Shakespeare, Voltaire, etc.

Da moderna litteratura, as obras mais notaveis de Victor Hugo, Louis Blanc, Balzac, C. Dickens, etc., etc. O Theatro antigo e moderno, etc., etc.

Viagens e descobertas

As grandes viagens, as grandes invenções, as grandes descobertas, e todos os livros estrangeiros que se forem publicando sobre estes interessantissimos assumptos.

Na mesma casa editora:

O MESTRE POPULAR

Methodo extremamente facil para se aprender o francez ou o inglez sem mestre.

Preço do methodo para cada lingua:
Um grosso volume, br., de 500 paginas, 3$200 rs.

Os pedidos devem ser dirigidos aos editores da **Bibliotheca Nacional**, rua dos Fanqueiros, 312, 1.º Lisboa.

VASCO DA GAMA

BIBLIOTHECA NACIONAL

OS BONS LIVROS

LUIZ DE CAMÕES

OS LUSIADAS

Edição Revista e Prefaciada

POR

THEOPHILO BRAGA

e illustrada com os retratos de

LUIZ DE CAMÕES E VASCO DA GAMA

TOMO II

LISBOA

Pereira & Amorim, editores

Escriptorio da Empreza, rua dos Fanqueiros, 312, 1.º

1881

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão das gentes tão possantes;
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais que aquellle porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a taes barões seu reino e estado,
E que, em quanto o seu corpo o espirito reja,
Estará de continuo apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas que então se apparelhavam
Á gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.

VII

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no pode estorvar que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado;
Novo remedio em terra busca e toma:
Entra no reino humido e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahiu em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora e moram as jucundas
Nereidas e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina;
Quando se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face;
Vêm-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha;
Logo após elle leve se sublima
O invisivel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes, revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Ás alimarias nella produzidas;
A clara forma alli estava esculpida
Das aguas entre a terra desparzidas
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co'os gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lanças crepitantes;
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

«Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos.»

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba e os que descem
Da cabeça nos hombros todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento;
Ostras e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava.
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara;
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada baetilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se,
Que tanto bem não é para esconder-se.

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse:
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
C'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce e Arabia em cheiro passa.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla d'esta sorte:

XXVII

«Principe, que de juro senhoreas
D'um polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado,
E tu, padre Oceano que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites;

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande,
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos,
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

XXIX

Vistes que com grandissima ousadia
Foram ja commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoses a ser e nós humanos.

XXX

Vedes agora: a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mim e o mundo todo doma;
Vedes: o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes: o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado e o companheiro
Aquilo e os outros todos resistiram;
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras que sabeis
Que no mundo ganhei quando venci
As terras Indianas do Oriente
Todas vejo abatidas desta gente;

XXXIII

Que o grão senhor e fados, que destinam
Como lhe bem parece o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, oh deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por ver o preço que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares».
Mais quer dizer, e não passou daqui,
Porque as lagrimas, já correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o que sentia,
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia;
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito no divina companhia
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»

XXXVII

Já lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vem do sommo e mal despertos,
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas, esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

«Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar que é tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?»
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
«Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?»

XLI

«Não é, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar que tanto custa
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir m'o está dizendo.»

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso que conte isto, que approva.
«Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E, porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse à nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da corte Ingleza
E nobres cortezãos acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira accesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV

E que, se houver alguem, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo ou estacada
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes, convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas como devem:
Com lagrimas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros e benigna estrella;
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: «Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro,

XLIX

E, se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas
De vosso aggravo os façam sabedores;
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras d'affagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.»

L

Desta arte as aconselha o Duque experto
E logo lhe nomea doze fortes
E, porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes,
Que ellas só doze são; e, descuberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia Magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas, de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, lettras e primores,
Cavallos e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV

«Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas qne as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas:
Agora que apparelho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas),
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E, quando caso for que eu impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o espirito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão que eu comvosco lá não seja.»

LVI

Assi diz: e, abraçados os amigos
E tomada licença, em fim se parte.
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte;
Navarra co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte;
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes;
Já as damas tem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes;
Vestem-se ellas de cores e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'hum sublime e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a corte.
Estavam tres e tres e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo, contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante!
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em crystal ou rigido diamante;
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço;
Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavallo voa, que não dece,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum dalli tomou perpetuo sono
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a soberba ingleza do seu throno,
Que dous ou tres já fóra vão do vallo.
Os que de espada vem fazer batalha
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas.
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a palma da victoria
E as damas vencedoras e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII

Mas dizem que com tudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes;
E como quem não era já noviço
Em todo o trance onde tu, Marte, mandes,
Hum Francez mata em campo; que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze em Allemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.»
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo, assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os Marinheiros d'uma e d'outra banda.
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda;
«Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.»

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
«Amaina, disse o mestre a grandes brados;
Amaina, disse, amaina a grande véla.»
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas, juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, e c'hum ruido
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O ceo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor e desacordo;
Que no romper da véla a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
«Alija, disse o mestre rijamente;
Alija tudo ao mar; não falte acordo.
Vão outros dar á bomba, não cessando;
Á bomba! que nos imos alagando.»

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náo, n'hum bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastaram:
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel,
Mostra possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A náo grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada; a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo;
A noite negra e fea se allumia
C'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós vieram
Os dous que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fuudas areas que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte
Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI

«Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar e terra senhoreas;
Tu,que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Syrtes arenosas e ondas feas
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo;

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados,
Outros Syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras della!»

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que luctavam
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando.
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI

«Estas obras de Baccho, são por certo,
Disse; mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.»
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

Assi foi; porque, tantoque chegaram
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem,
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX

«Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor comtigo em medo se converte.»

XC

Assi mesmo a formosa Galathea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha que em vel-a se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o Piloto Melindano:
«Terra é de Calecut, se não me engano.

XCIII

Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava e razão tinha,
Que tão sómente a terra lhe mostrava
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho experimentava,
Mas vi-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar apparelhava
O vento duro fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras immortaes e gráos maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres dos seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos,

XCVI

Não co'os manjares, novos e exquisitos,
Não co'os passeios, moles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude;

XCVII

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras que elle chame proprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios, no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento;

XCVIII

E com forçar o rosto que se enfia
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou e não virtude justa e dura;

XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

CANTO SETIMO

I

Já se viam chegados junto á terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, oh geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois do mundo,
Não digo inda do mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cubiça ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia;

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais
Muito façaes na sancta Christandade:
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!

Vedel-os Allemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta
Do successor de Pedro rebellado;
Novo pastor e nova seita inventa:
Vedel-o em feas guerras occupado
(Que inda co'o cego error se não contenta)
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vedel-o duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra tão longe da verdade?):
Entre as Boreaes neves se recrea;
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o, nem guardal-o
Mas para ser contra elle e derribal-o!

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastão as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo;
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil e de ti mesma adversa.

IX

Oh miseros Christãos! pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos que são de Christo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes;
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes que Pactolo e Hermo, rios
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas;
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!);
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, oh gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
É na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

XV

E vejamos em tanto que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim das suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei
E dar novo costume e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuia.

XVII

Alem do Indo jaz e áquem do Gange
Hum terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange
E para o Norte o Emodio cavernoso;
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes sahem donde vem manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre hum e outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra huma longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta;
E, junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra e gente são mais abundantes;
Decanijs, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange, e a terra de Bengala,
Fertil de sorte que outra não lhe iguala,

XXI

O reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e de pedras que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate;
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende huma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio, rica e bella;
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente que a vel-o concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Antheo obedecido.
Ou pela vizinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: «Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe da tua patria Lusitana?»
«Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.»

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava;
Mas, vendo em fim que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

E, que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse
E do manjar da terra comeria,
E, despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente visinha em terra estranha.

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta e, prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: «Oh gente que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longiquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos do mar, do vento irado.
Sabei que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

XXXIII

Porem como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo que prégando convertessem
O Perimal; de sabias e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar, com fervor tanto
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais a quem o mais serve e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para esse Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

XXXVI

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Esté que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes que a cobrir natura ensina.
Dous modos ha de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

Porque os que usaram sempre um mesmo officio
D'outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o dé seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte
Que quando algum se toca, por ventura,
Com cerimonias mil se alimpa e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preeminencia;
Observam os preceitos, tão famosos
D'hum que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e, temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia;
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos:
A terra é grossa em trato, em tudo aquillo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

XLII

Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo o sexo e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O capitão da armada que chegara.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte de ricos pannos adornado.
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoraçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra nos braços o levava
E n'hum portatil leito hua rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera;
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera;
O povo, que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas, no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde a rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia.
Vêm-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia;
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammom em Libya estava;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briario parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade.
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que, quem dellas tiver noticia inteira
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava um grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava;
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio que manava:
Tão proprio que, se alli estiver Semele,
Dirá por certo que é seu filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De huma tão bella como incontinente:
Alli tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

Daqui mais apartadas tremulavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e sojugavam
Até as aguas Gangeticas undosas;
D'hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
«Tempo cedo virá que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão;
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha;
Mas tambem diz que a bellica excellencia,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.»

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor;
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando,
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente nunca de antes delle vista.
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande auctoridade logo aquista,
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX

«Hum grande Rei de lá das partes onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo, do rumor, que lá responde
O ecco como em ti da India toda
O principado está e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças,
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito e delle gloria ingente.

LXIII

E, sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.»

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera.

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente,
De seu Rei tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova;
Já lhe pergunta, prompto e curioso,
Se tem noticia inteira e certa prova
Dos estranhos; quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua patria mui visinha.

LXVIII

Que particularmente alli lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna: «Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sómente sei que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos é vulgado
Delles é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles com virtude sobrehumana
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famosos;
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns que do Pyrene deçam.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello

LXXII

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te; que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na milicia.»

LXXIII

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava.
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem, forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurea experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lh'o defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos põe no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo á Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas, oh cego!
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo longo e vario?
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX

Olhai que ha tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos;
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada e n'outra a penna.

LXXX

Agora, com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheos degradado;
Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois, logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça;
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais, Nymphas, não que fama desse
A quem ao bem commum e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio;
Nem, Camenas, tambem cuides que cante
Quem com habito honesto e grave veio
Por contentar o Rei no officio novo
A despir e a roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se á lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que é prudente,
Para taxar com mão rapace e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo e as Musas que me acompanharam
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descançado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
«Quem era, e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada?»
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta:

II

«Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos;
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este, que vês, é Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou;
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V

Ulysses é, o que faz a sancta casa
Á deosa que lhe dá lingua facunda;
Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»
«Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.»

VI

Assi o Gentio diz; responde o Gama:
«Este, que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama;
Destro na lança, mais que no cajado,
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII

Com força não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente inda que honrosa
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII

Vês comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas;
Olha tão subtis artes e maneiras
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle é Sertorio e ella a sua divisa

IX

Olha est'outra bandeira e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros.
Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.»

X

«Quem é, me dize, est'outro que me espanta,
Pergunta o Malabar maravilhado;
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas e estandartes?»

XI

«Este é o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma;
Este é aquelle zelozo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram
Tão pequno poder, tão pouca gente
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercitoespalhado
Recolha e torne ao campo defendido;
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Vel-o cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano;
Os filhos e mulher obriga á pena,
Para que o senhor salve, a si condena.

XV

Não fez o consul tanto que, cercado
Foi nas forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado
A si se entrega só firme e constante;
Est'outro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

Vês este, que, sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte,
Já o Rei tem preso e a villa descercada,
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vel-o cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria;

XVII

E Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra
De acabar pelejando está contente;
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII

Não vês hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova;
Por elles mostra Deos milagre visto;
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vngança
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quem por Mafamede enresta a lança,
E Theotonio Prior; mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira.

XX

Vel-o cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra?
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba e sua exalta.

XXI

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas e ousadias!
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem pavor é o forte peito.

XXII

Não vês um Castelhano, que aggravado
De Affonso, nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros é deitado
De Portugal, fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vel-o entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o signal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço:
Rotos?! mas antes mortos: maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

XXV

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma, a escala vista;
Vês Tavira tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente?
É Dom Paio Correa, cujo manha
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os trez que em Franç' Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos:

XXVII

Vel-os, co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram?
Vê mortos os soberbos cavalleiros
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a lei Lethea.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural e não de alheio?

XXIX

Olha, por seu conselho e ousadia,
De Deos guiada só e de sancta estrella,
Só pode (o que impossibil parecia)
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês, por industria, esforço e valentia
Outro estrago e victoria clara e bella
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

XXX

Mas não vês quasijádesbaratado
O poder Lusitano pelaausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vel-o com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI

Mas, olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu, responde, estou sacrificando.»

XXXII

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea:
Ditosa patria que tal filho teve,
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas, quem o estraga
E faz vir a passar o ultimo dano.
De Xerez rouba o campo e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antiguo e no moderno!

Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram;
E, delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia?
De poder defender-se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descanços corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhe não convenham
E, como a seu contrario natural,
Á pintura que falla querem mal.

XLII

Não nego que ha com tudo descendentes
De generoso tronco e casa rica
Que, com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se à luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.»

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distincta:
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia,
Quando o gentio e a gente generosa
Dos Naires, da náo forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices, famosos
Na falsa opinião que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos e indicios,
Mandados do Rei proprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus officios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos que alcançara
Nas entranhas das victimas que olhara.

XLVII

A isto mais se ajunta que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do propheta, falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi: «Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha
Antes que esteis mais perto do perigo.»
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho; mas comsigo
Cuida que não é mais que sonho usado;
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: «Não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo vélo e tu adormeces?
Pois saberás que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sahe facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista;
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.»

LI

Isto dito, elle e o somno se despede.
Tremendo fica o attonito Agareno;
Salta da cama; lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam;
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam.
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como este posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde a ambição acaso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo é justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam;
Mas o Gama que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que a levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo que deixava descoberto;

LVII

Nisto trabalha só; quem bem sabia
Que despois que levasse esta certeza,
Armas e náos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era de espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros
E mais sendo affirmados pelos Mouros;

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte, a força da cobiça
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende e atiça;
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará se com verdade e com justiça
O contrato fizer, por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: «Se quizeres
Confessar-me a verdade, limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado que a emhaixada
Que de teu Rei me déste que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que signal, nem penhor não são bastante
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é patria para o forte;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor da infamia ou morte,
Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava,
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

«Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade,
(Oh poderoso Rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita;

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu não pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undivago ou da patria desterrado,
Como cres que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças ou por que interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo;
Mas se a fortuna tanto me sublima
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crêa delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram,
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanço, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro.
Este, por sua industria e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ar

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna.
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem tão fraco premio
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio;
Mss antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, oh Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E, se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se,
Que facil é a verdade d'entender-se.»

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança;
Julga na auctoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cubiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Co'o Capitão e não co'o Mauro engano.
Em fim ao Gama manda que direito
Ás náos se vá, e seguro d'algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação que o leve ás náos lhe pede;
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futura sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o Gentio consentissse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendera,

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente;
Elle, qne no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
E que assi lho mandara lhe refere
O nobre successor de Perimal.
Porque razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado
Não pode ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A taes palavras; antes, revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano, diabolico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido estava vendo,
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eóa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra que mandasse
Chegar a terra as náos que longe estão,
Porque melhor dalli fosse e tornasse.
«Signal é de inimigo e de ladrão,
Que lá de tão longe a frota se alargasse;
(Lhe diz) porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as náos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama;
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminoso,
E, sendo da ociosa mão movido,
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e alli, dessocegado:

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara;
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse á frota que deixara;
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX

Tal hade ser quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os,
Com militar engenho e subtil arte
Entender os imigos e enganal-os,
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: «Não cuidei.»

XC

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle, constante e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama que o damnado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o rei Threicio
Só por ficar senhor do grão thesouro;
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acricio a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas;
Faz traidores e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizes cegando e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjurios entre a gente
E mil vezes tyrannos torna os Reis:
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador e illude,
Mas não sem côr comtudo de virtude.

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
Que os infieis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito e vontade
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as náos que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolomeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa e profana.
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavam
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V

Mas o governador dos ceos e gentes
Que, para quanto tem determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera;
Muitas vezes as náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas
Para ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vem de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

O Gama, que tambem considerava
O tempo que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama,
Aos feitores que em terra estão mandava
Que se tornem ás náos; e, porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns que ás náos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos;
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra.

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e os filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente;
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o capitão de melhor mente
Os presos, qua as desculpas, e, tornando
Alguns negros se parte, as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo; porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende,
Por firmar commercio, que tratava;
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara,
A secca flor de Banda não ficou,
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella
Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As aventurosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos.

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes,
Vir a lograr o premio que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada
Que sempre os guia já de longos annos,
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de crystal, liquido e manso.

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, com interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino que confina
Da mãi primeira co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com dansas e choreas; porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido;
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo o seu poder, fero Cupido;
Que, assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando;
Em derredor da deosa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ella, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde; porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão
Amando cousas que nos foram dadas,
Não para serem amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente e bella forma humana;
E por casitgo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles que não tem amor a mais
Que a si sómente e a quem Philaucia ensina;
Vê que esses, que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente;

XXVIII

Vê que aquelles quedevem á pobreza
Amor divino e ao povo charidade
Amam sómente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da fea tyrannia e de aspereza
Fazem direito e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê, em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se revele
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a toada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só, queima e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebos suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda;
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos,

XXXIII

Formosas são algumas e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras subtis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando;
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das moças Bibli e Cinyrea,
Hum mancebo de Assyria, hum da Judea.

XXXV

E vós, oh poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes,
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
E mais culpa a da mãi que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente,
E Dione,que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebel-a vem, ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão
Nos braços tendo o filho, confiada,
Lhe diz: «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Typhéas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço;
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados;
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tornando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria que, feridas
As filhas de Nerêo no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'huma ilha juntas e subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada.

XLI

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos e ellas mais formosas,
Em fim com mil deleites não vulgares
Os esperem as nymphas amorosas,
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cubiçarem.

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se seu fogo immortal nas aguas arde.»

XLIII

Assi Venus propoz; e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que, postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê com mil bocas apregoa.

XLV

Vão-a buscar e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede nisto o fero moço as settas,
Huma apoz outra; geme o mar co'os tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Alguas vão, e alguas fazem giros;
Cahem ás nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

)s cornos ajuntou da eburnra lua
:om força o moço indomito excessiva;
)ue Tethys quer ferir mais que nenhuma,
'orque mais que nenhuma lhe era esquiva.
á não fica na aljava setta alguma,
[em nos equoreos campos nympha viva;
:, se feridas inda estão vivendo,
erá para sentir que vão morrendo.

XLIX

)ai lugar altas e ceruleas ondas,
!ue, vedes, Venus traz a medicina,
[ostrando as brancas velas e redondas,
'ue vem por cima da agua Neptunina.
ara que tu reciproco respondas,
rdente Amor, á flamma feminina,
forçado que a pudicicia honesta
aça quanto lhe Venus amoesta.

L

ı todo o bello coro se apparelha
as Nereidas, e junto caminhava
m choreas gentis, usança velha,
ara a ilha a que Venus as guiava.
lli a formosa deosa lhe aconselha
que ella fez mil vezes, quando amava;
llas que vão do doce amor vencidas,
stão a seu conselho offerecidas.

LI

ortando vão as náos a larga via
o mar ingente, para a patria amada,
esejando prover-se de agua fria
ıra a grande viagem prolongada,
uando juntas, com subita alegria,
ouveram vista da ilha namorada,
ompendo pelo ceo a mãi formosa
: Menonio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha, alegre e deleitosa;
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'hum valle ameno,que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma meza fazem, que se estende,
Tão bella quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos;
A larangeira tem no fruito lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellos;
Os formosos limões alli, cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde ê posto o etereo paraiso.

LVIII

Os dões que dá Pomona alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores;
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado do terreno alheio.

LIX

Abre a romãa mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno;
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina,
Sôbolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo e na terra as mesmas cores,
Se daya ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona,
Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Chloris com Pomona;
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta;
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura ta desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas;
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas harpas e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhara a mestra experta
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que, vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Suas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles que não saia
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Não suave domestica e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII

Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros nas sombras que, das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Do longo da agua, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lãa fina e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado hum grande grito:
«Senhores, caça estranha, disse, é esta:
Se inda dura o gentio antiguo rito,
A deosas é sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudente

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos,
Se phantasticas são, se verdadeiras.»
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramo
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De huma os cabellos de ouro o vento leva,
Correndo, e de outra as fralda delicadas;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas;
Huma de industria cahe e já releva
Com mostras mais macias que indignadas,
ue sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam:
Humas, fingindo menos estimar
A vergonha, que a força se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha que se arremessa
Vestido assi e calçado (que co'a mora
De se despir ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro mal soffrido,
Salta n'agua e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado,
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança;

LXXVI

Quiz aqui sua ventura que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza;
Já cançado, correndo, lhe dizia:
«Oh formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cançam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não na creas; porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não cances, que me cansas, e, se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo
«Tra la spiga e la man qual muro è messo.»

LXXIX

Oh não me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura:
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXX

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, despois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que, ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella;
E se se lhe mudar, não vás fugindo
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere,
E se me esperas, não ha mais que espere.»

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãa e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é experimental-o que julgal-o;
Mas julgue-o quem não póde exprimental-o.

LXXXIV

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como esposas,
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI

Que, despois de lhe ter dito quem era,
C'hum alto exordio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que alli viera
Por alta influição do immobil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera
Da terra immensa e mar não navegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia;

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva e guia
Para o cume d'hum monte, alto e divino,
No qual huma rica fabrica se erguia,
De crystal toda e de ouro, puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;
Ella nos paços logra seus amores;
As outra pelas sombras entre as flôres.

LXXXVIII

Assi a formosa e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio, lá no fim bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Thethys e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha;

XC

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os Barões, que esforço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos e de Magnos,
Por isso, oh vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno, do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo;

XCIII

E ponde na cubiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame e urgente,
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais;
Que, quem quiz, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes;
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava.

II

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
N'outras á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas espumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se trocavam,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos;
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena,
C'huma voz d'huma angelica Sirena.

VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos
Que pelòs altos paços vão soando
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando;
Hum subito silencio enfrea os ventos
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diaphano, rotundo,
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

Materia é de cothurno e não de socco,
A que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, oh grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X

Cantava a bella deosa que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira;
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI

Cantava d'hum que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades e logares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano;
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegados aos fins Orientaes
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes,
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova:
Virão Reis de Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios por terra.

XV

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado.
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado;
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses, vãos, surdos e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas;
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo; mas voando
D'hum n'outro tudo irá desbaratando.

XVII

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas hum tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio ou manha boa,
Nem força que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso;
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atélli vão lhe fora commettel-as.

XIX

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da Fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

XX

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende,
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio
Foi como este na guerra forte e sabio,

XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez rouco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço, mal agradecido:
«Oh Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao Rei e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade;

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios de Ajace merecidos
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta;
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, oh Rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te hum reino rico;
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão, com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá haver que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egypto e de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende;
Outro Sceva verão que espedaçado
Não sabe ser rendido nem domado.

XXXI

Com toda huma coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coraçãõ, que lhe ficara;
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara,
Ella sôlta voou da prisão fora
Onde subito se acha vencedora.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basilliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos;
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos; sentil-o-ha o Nilo
Podel-o-ha o Indo ver e o Gange ouvil-o.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

E logo, entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas;
Á de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocem, que, abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores,
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flammas e alaridos.

XXXVII

Mas, ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que, triste e negro, vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tiraram toda a India e Egypto.

XXXVIII

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam,
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura,

XXXIX

Mas, oh que luz tamanha que abrir sinto,
(Dizia a nympha e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

XL

Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando:
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos, no combate,
Que, mortos, pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate;
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem, tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa
Com que a torne a tomar ; que esforço e arte,
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella o torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros;
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas que fizeste,
Os Crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.»

XLV

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de ousado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda e promettia
Que nenhum máo desejo o venceria;

XLIX

Mas, vendo o illustre Persa que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

L

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras;
Medina abominabil teme tanto
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia; Barborá se teme
Do mal do que o emporio Zeila geme.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho:
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa que cá terá provado
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde e d'honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

LIV

Mas aquella fatal necessidade
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outros Menezes logo, cuja idade
É maior na prudencia que nos annos,
Governará e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV

Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cobiça triumpha e incontinencia,
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI

Mas despois que as estrellas o chamarem
Succederás, oh forte Mascarenhas,
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co'o valor de illustres peitos,
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e submettas;

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas comtudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado;
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a féra frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada;
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melinque, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, oh Gama, se experimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado;
Despois, Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio;
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio;

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo;

LXVI

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governal-a,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea
E de fogo e trovões desfeita e fea.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado,
Tanto em armas illustre em toda a parte
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem:
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas;
Até que, nas maiores oppressões,
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deos se sacrifiquem.

LXX

Fernando, hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado e ao Ceo subido;
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Huns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana;
Feitos farão tão dignos de memoria
Que não caibam em verso ou larga historia.

LXXII

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante;
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.»

LXXIV

Assi cantava a nympha e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam:
«Por mais que da fortuna andem as rodas
(N'huma consona voz todas soavam)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa!»

LXXV

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonica e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre
Thetys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

«Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia,
Suprema de co'os olhos corporais
Veres o que não pode a vãa sciencia
Dos errados e miseros mortais;
Sigue-me firme e forte com prudencia
Por este monte espesso tu co'os mais.»
Assi lhe diz e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes que presume
A vista que divino chão pisava;
Aqui hum globo vêm no ar que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente
Como a sua superficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto;
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim, por divina arte;

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido.
Qual em fim o Archetypo que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: «O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e meta limada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limitada,
É Deos; mas o que é Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão; porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano;
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso;

LXXXIII

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora dilatando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antigua poesia
A seus deoses já dera fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

LXXXV

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda,
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga; é o mobile primeiro.

LXXXVI

Com este rapto o grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste o Sol andando a tento
O dia e noite faz com curso alheio,
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento e sobjugado a duro freio
Que, em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a carrreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, o Drago horrendo;
Vê de Cassiopêa a formosura,
E do Orionte o gesto mutuendo;
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Náo e a doce Lira.

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento
E Marte abaixo, bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo,
Mercurio, de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos;
Mas inda o mar instabil experimentam,
Verás as varias partes que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus e varias leis

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda chea de bruteza,
Co'o cabo que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda que se habita
Dessa gente sem lei quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomopata o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua.
Nasce por este incognito hemispherio
O metal por que mais a gente sua;
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo tambem vindo está Cuama.

XCIV

Olha as casas dos negros: como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real e defensão
E na fidelidade dos visinhos;
Olha, delles a bruta muldidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV

Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos:
Vel-o rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e charo;
O Rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo, toma as cores:
Este, como limite está lançado
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações que a parte Africa tem
Maçuâ são, Arquico e Cuanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem, que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade;
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta;

XCIX

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina;
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina;
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva;

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos pára a guerra,
Ligeiros e feroces, da alta raça;
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito de Persia e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque, alli sabida;

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras;
Mas attenta: já cá de est'outra banda:
De Roçalgate e praias sempre avaras
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora é Monçandão dos navegantes;
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arabia e Persias terras abundantes;
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
Á côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os callos;
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Filippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura e dos dões usados della;
Carmania teve já por apellido;
Mas vês o formoso Indo, que d'aquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertillissima,
E de Jaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando;
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul até o cabo Camori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si;
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias que, entre hum e o outro rio,
Vês, com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX

Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica;
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquelle tempo estava
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX

Chegado aqui prégando e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho, de grandeza desmedida;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tiral-o a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

Era tão grande o peso do madeiro
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que, se com fé formada
Mandar a hum monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo e elle o prova.
A gente ficou disto alvoraçada:
Os Brahmenes o tem por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder a auctoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura e fera
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata, e logo accusa
Do homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa
Que apellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvado;
Viram todos o moço vivo erguido,
Em nome de Jesu crucificado;
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deus de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matal-o, em fim de tudo.

CXVII

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste;
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos fovoreças.

CXIX

E vós outros que os nomes usurpais,
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei se sois mandados, como estais,
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que, se sois sal e vós damnais
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangetica enseada;
Corre Narsinga rica e poderosa;
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges, vem ao salgado senhorio.

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha, que, inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio:
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Singapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
Daqui tornando a costa á Cynosura
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas;
Os Laos, em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda a sorte.

CXXVIII

Este receberá placido e brando
No seu regaço o Canto que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

CXXIX

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do páo cheiroso ornada;
Vês, Cauchichina está de escura fama
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio, e outro se edifica,
Certissimo signal e conhecido
Da potencia Real suberba e rica;
Estes, o Rei, que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavalleiro, sabio e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se;
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
É, Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás de cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra e só mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo;
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

Alli tambem Timor, que o lenho manda,
Sandalo salutifero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que uma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae
Converte em pedra o páo que nelle cae.

CXXXV

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte que oleo mana e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cynias na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro áloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós, na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta e preciosa;
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, sera dina
De lançar-lhe o colar ao rudo collo;
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Des cobril-a-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha,
E mais avante o Estreito que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.»
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada,
Levam refresco e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado;
Entraram pela foz do Tejo ameno
E á sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto; mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida:
O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI

E não sei por que influxo do destino
Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, oh Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias
A ferro, a fogo, a settas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo e alegrai-os,
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade;
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois com seu sangue intrepido e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente;
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Inglezes,
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

CLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei comtudo
Que o louvor sahe ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dadá;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante:
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE

Canto VI..... 6
Canto VII..... 30
Canto VIII..... 52
Canto IX..... 77
Canto X..... 101

OS BONS LIVROS

EDITORES — PEREIRA & AMORIM

OBRAS PUBLICADAS

Luiz de Camões :— *Os Lusiadas*. Edição revista e prefaciada por **Theophilo Braga**, e illustrada com os retratos de Luiz de Camões e Vasco da Gama.

2 volumes..... 100 réis

NO PRELO

A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO

POR

CHRISTOVAM COLOMBO

1 vol. com o retrato de Colombo..... 50 réis

Este livro é uma narração fiel e circumstanciada da obra do grande explorador genovez. Christovam Colombo é uma figura luminosa, que se destaca poderosamente no bronze glorioso da historia da civilisação. A sua vida e os pormenores da sua assombrosa descoberta são um exemplo frisante da forte persistencia do genio. Por maiores que foram os obstaculos que a ignorancia, o espirito de rotina e a deploravel inveja do seu tempo lhe levantaram, Colombo levou a cabo a sua empresa, consagrando a vida inteira á realisação da sua obra

grandiosa, sem hesitações nem desalentos. Na sua espinhosa carreira houve apenas um dia de gloria; o resto d'ella foi uma lucta constante contra a indifferença, a má vontade e a ingratidão dos seus contemporaneos. Pela sua obra, o grande descobridor do novo continente tem o logar de honra entre os benemeritos da humanidade: pela lucta enorme que teve de sustentar, o seu nome, como o de Gallileu e de tantos outros, está escripto com lagrimas de sangue no martyrologio da sciencia.

Este livro da **Bibliotheca Nacional** será a historia circumstanciada das descobertas de Colombo e das perseguições, e obstaculos sompre renascentes, que o grande navegador teve de soffrer.

Depois da descoberta da India, immortalisada por Camões, nos *Lusiadas*, que acabamos de publicar, será o proprio Colombo que contará aos leitores da **Bibliotheca Nacional** a historia da descoberta do Novo Mundo.

Esta narração formará um volume da **Bibliotheca Nacional**. Escusamos de encarecer prolixamente a importancia do assumpto e a modicidade de preço. Só diremos que nos parece estar resolvido em Portugal o grande problema da propaganda da instrucção. Livros pelo preço dos nossos, resolvem-n'o cabalmente.

EM PREPARAÇÃO

GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA

Estudos da lingua materna

1 volume..... 50 réis

DATE DUE

MAR 5 198[illegible]			
MAR 2 [illegible]			
AUG 1 6 2006			
MAR 0 5 2007			
FEB 1 6 2007			
APR 1 1 2007			
APR 2 3 2007			
MAY 1 4 2007			
AUG 1 3 2007			
AUG 2 9 2015			

3 1197 00428 4045